



Maurício Corrêa (PDT), Lauro Campos (PT) e agora Valmir Campello (PTB) são candidatos naturais; Maria de Lourdes pode brigar

Pelo menos 7 disputarão o GDF

CLAUDIA MOEMA

Pelo menos sete partidos irão lançar candidatos próprios nas eleições de 1990 para escolha do futuro governador do Distrito Federal. Para muitos desses partidos, haverá um reflexo natural entre o resultado das eleições presidenciais deste ano e a campanha em Brasília no próximo ano e, por isso mesmo, preferem aguardar a sucessão do presidente José Sarney para falar na sucessão local.

Apenas três partidos não terão disputa interna e seus candidatos já são conhecidos — o PDT, do senador Maurício Corrêa; o PT, do economista Lauro Campos e o PTB do recém-chegado deputado Valmir Campello. Em partidos como PMDB, PFL, PSDB ou mesmo o PMDB, ninguém fala em candidatos naturais. O quadro é desconhecido e a escolha dos seus representantes na sucessão local ainda depende de muita negociação.

A grande maioria dos partidos está apostando na viabilidade de seus candidatos à sucessão presidencial para faturar mais à frente, no Distrito Federal. Nesse particular unem-se PSDB, PMDB, PFL, PDT e PT. Do outro lado estão PCB e PTB. O primeiro aposta em outra boa presença junto ao eleitorado de Brasília, a exemplo do que ocorreu nas eleições de 86 — o deputado Augusto Carvalho fez mais de 40 mil votos, sendo o mais votado da coligação PMDB-PCB e o candidato ao Senado, Carlos Alberto Torres, conquistou mais de 80 mil votos. O PTB, por sua vez, terá um nome forte independente do resultado das eleições presidenciais — o deputado Valmir Campello, parlamentar mais votado de Brasília, ex-administrador de três cidades-satélites (Taguatinga, Gama e Brazlândia) durante 16 anos.

QUEM E QUEM

No PSDB é comum falar no nome da deputada Maria de Lourdes Abadia, a segunda parlamentar mais votada de Brasília. Conhecida do eleitorado do DF porque também foi administradora da Ceilândia, Maria de Lourdes tem a seu favor a densidade eleitoral comprovada na última campanha. Este, no entanto, não é um critério a ser considerado na opinião do presidente do partido, deputado Luiz Carlos Sigmaringa Seixas, para quem "não há candidatos naturais no PSDB e somente após as eleições presidenciais haverá uma definição". Ele garante que todos podem ser candidatos "e qualquer um pode especular sobre qualquer coisa". A única certeza para Sigmaringa é que seu partido lançará candidato próprio por ter a maior bancada do Distrito Federal na Câmara dos Deputados, três deputados e um senador.

No PMDB também o ministério é total, apesar de vários postulantes serem constantemente lembrados. O presidente Joselito Corrêa não admite falar em nomes e discorda de Sigmaringa, afirmando que o seu partido é o maior no Distrito Federal, por ter maior estrutura. Joselito tem uma proposta que ainda precisa ser aprovada internamente: a de levar o nome do candidato ao Governo do Distrito Federal para a Convenção Nacio-

nal do PMDB, no próximo dia 12 de março. "Isto facilitará o nosso candidato, que trabalhará em conjunto com o candidato do partido na sucessão presidencial". Além da expectativa de vitória da eleição presidencial, o PMDB local trabalha com outros dois fatores que poderão lhe render votos na sucessão do GDF: a unidade interna do PMDB — aliás, um fato raríssimo pouco verificado em outros estados do País — e a boa administração que vem sendo feita por Joaquim Roriz, na opinião de Joselito.

Apesar de não falar em nomes, no PMDB há vários em potencial. O secretário-geral do partido, ex-deputado Múcio Athayde, é sempre o mais lembrado, juntamente com o atual secretário da Indústria e Comércio, Lindberg Aziz Cury. Também é cogitado o lançamento da candidatura da deputada Márcia Kubitschek e há até quem fale na recondução de Joaquim Roriz. Não haverá nenhum empecilho, pois a 15 de março de 1990, com a posse do novo presidente da República, certamente outro governador será indicado e Roriz estará afastado do cargo durante todo o próximo ano.

Com a saída de Valmir Campello do PFL, o caminho ficou livre para o atual presidente do partido, o empresário Osório Adriano. Ele não confirma sua candidatura e informa que se a escolha recair sobre seu nome, "ainda assim eu vou pensar a respeito, porque é um cargo de grande responsabilidade". Osório Adriano acredita que as eleições presidenciais irão regular as eleições de Brasília, "porque a partir das eleições deste ano teremos um perfil que vai ser ditado em função desta campanha presidencial". É provável a escolha de seu nome na eleição do próximo ano, mas o PFL também apresenta outros candidatos, como o deputado Jofran Frejat e Benedito Domingos.

No PCB, garantem os comunistas, não existem disputas internas, mas dois nomes são sempre lembrados: Augusto Carvalho e Carlos Alberto Torres. O deputado assegura que Carlos Alberto, o presidente do PCB, é o candidato natural e revela que existe uma predis-

posição interna no partido: acima de tudo, garantir os mandatos na Câmara dos Deputados. Isto praticamente significa que apesar das especulações em torno de seu nome, Augusto Carvalho estará fora da sucessão do GDF, porque as eleições para governador serão simultâneas às de deputados e senadores. É provável então, haver novamente a dobradinha comunista Augusto Carvalho-Carlos Alberto Torres, desta vez, para deputado e para governador.

Augusto Carvalho é dos poucos — juntamente com Valmir Campello — a não vincular qualquer resultado das eleições presidenciais com as eleições no GDF. Para ambos, a sucessão presidencial pode influenciar mas não é determinante. "A esquerda está com uma visão triunfalista e eu não encaro desta forma; chego a ser cético em relação às eleições presidenciais", afirma Augusto Carvalho.

COLIGAÇÕES

Se existe uma confusão enorme em torno de nomes, pior são as possibilidades de coligações. É curioso observar que quando um partido admite coligação com outro, este outro não pensa o mesmo. O PSDB, por exemplo, na opinião de Sigmaringa, por ser um partido em busca de uma identidade à esquerda, poderá se coligar com o PCB ou o PT, "por terem maior nitidez ideológica". Ele considera difícil uma coligação com o PDT. Sigmaringa acredita na polarização entre esquerda e direita nas eleições para o GDF e não duvida da possibilidade de Valmir Campello sair como o candidato das forças conservadoras.

Esta não é a opinião de Valmir Campello, que considera viável uma coligação com o PSDB e até com o PDT. A intenção de Valmir Campello — que será o presidente do PTB no Distrito Federal — é a de implantar um partido "adaptado à conveniência do eleitorado, que é politizado e de centro-esquerda". Esta não é a imagem do PTB em outros estados, mas Valmir Campello acredita que o partido precisa se adaptar ao eleitorado.

Valmir Campello, inclusive, não teme se lançar por um partido ain-

da inexistente em Brasília, como também está disposto a lutar na faixa de centro-esquerda do eleitorado. Não é pelo fato de ter pertencido ao PFL e ter ingressado em uma sigla de feições nitidamente conservadoras que o impedirão de atuar nessa área. "Eu vim do PFL do B e sempre nas votações fiquei em atrito com meu líder (José Lourenço)". Para confirmar sua disposição de concorrer na faixa destinada aos candidatos de centro-esquerda, Valmir Campello desconsidera qualquer coligação com o PMDB.

Outro partido que não descarta a possibilidade de promover coligações "um pouco mais à esquerda" é o PFL. Segundo Osório Adriano, seu partido pode até mesmo coligar-se com o PDT, mas nunca com o PCB ou o PT. O PCB, por sua vez, admite coligações com PSDB e PDT e considera muito difícil uma coligação com o PT. "A convivência entre o PCB e o PT em Brasília é marcada pela hostilidade, o que não ocorre a nível nacional, com o Lula (Luís Inácio Lula da Silva)", diz Augusto Carvalho.

O partido mais aberto a coligações é justamente o que mais vem sendo evitado pelos demais partidos: o PMDB. Segundo Joselito Corrêa, o PMDB poderá se coligar tanto com os pefelistas quanto com os comunistas, incluindo também o PSDB.

Augusto Carvalho é o único a lembrar sobre as inconveniências de uma coligação. Enquanto nas eleições presidenciais elas ocorrerão de forma natural, por se tratar de uma eleição solteira em dois turnos propiciando o lançamento de todos os candidatos no primeiro turno, nas eleições para o GDF haverá eleições casadas. Ou seja, governadores, deputados e senadores estarão disputando. Isto significa que para haver coligação esta precisa ser avaliada antes mesmo do primeiro turno, pois também haverá uma eleição proporcional, onde não cabe o segundo turno.

E é nesta questão onde haverá maior discussão. Todos os partidos garantem lançar candidatos próprios. Mas todos eles só admitem, numa coligação, serem o cabeça de chapa, e isto poderá tirar muito candidato do páreo.

FOTOS/ ARQUIVO



Carlos Alberto (PCB), Múcio Athayde (PMDB) e Osório Adriano (PFL), os que devem tentar